

A documentalidade das citações bibliográficas

Márcia Regina da Silva

Professora da Universidade de São Paulo (FFCLRRP)

Solange Puntel Mostafa

Professora da Universidade de São Paulo (FFCLRRP)

Resumo

A bibliometria agrega aportes sócio-cognitivos e se apresenta de maneira mais contextualizada, no qual a rede de associações implica aspectos até políticos na constituição do saber. De uma simples contabilidade de documentos que chamávamos bibliometria, passamos a entender as referências bibliográficas como distribuídas em redes, como *corpus* de análises. O objetivo desta pesquisa é refletir sobre o agenciamento das citações bibliográficas. Partimos de Bernd Frohmann para a compreensão do conceito de “documentalidade” e discutimos termos da literatura recente, como a neobibliometria e a neodocumentação. Sob o prisma filosófico, aproximamos nossa análise a de Deleuze e Guattari para afirmar que as citações portam uma documentalidade, isto é, uma potência, um virtus, ou mesmo uma força informativa.

Palavras-chave: Citações bibliográficas; Bibliometria; Documentalidade.

Abstract

The bibliometry aggregate socio-cognitive contributions and is more context, in which the network of associations implies political aspects to the constitution of knowledge. From a simple accounting documents we called bibliometrics, we understand the references as distributed networks, such as corpus analysis. The objective of this research is to reflect on the agency of references. We used Bernd Frohmann for understanding the concept of documentality and discuss terms of the recent literature, as neobibliometry and neodocumentation. From the perspective philosophical approach our analysis of Deleuze and Guattari to affirm the citations carry a documentality, ie, a power, one virtus, or even a force informative.

Keywords: Citations; Bibliometry; Documentality.

Introdução

As citações bibliográficas evidenciam os caminhos percorridos para a construção de uma ideia e, por esta razão, têm sido objeto de estudo de muitos trabalhos. Ao analisar as citações de textos pertencentes a uma temática, área ou campo é possível se aproximar das correntes filosóficas preponderantes, conhecer frentes de pesquisa, identificar novos autores, fazer projeções, etc.

As citações bibliográficas podem ser analisadas sob diversos prismas, no entanto, nos interessa neste texto discorrer sobre elas do ponto de vista bibliométrico e epistemológico. Estas duas abordagens têm sido utilizadas em conjunto para a realização de pesquisas que visam analisar a produção científica.

Embora os estudos métricos da informação sejam associados ao Campo da Ciência da Informação, seu desenvolvimento se deu nas diversas áreas do conhecimento, tendo como premissa a necessidade de medir e caracterizar a produtividade científica. (Silva; Hayashi, 2011). Tal abordagem nasceu com o surgimento dos bancos de dados na década de 1970. Assim como o caldo cultural embasou o movimento das epistemologias, a bibliometria passou, na década de 80, por um recrudescimento trazido talvez pelo conteudismo que também atingiu a Ciência da Informação; nos anos de 1990 ganhou novo fôlego com o surgimento de áreas gerenciais como Gestão de Ciência e Tecnologia, Inteligência Competitiva e Gestão do Conhecimento, mas o fato é que, com uma metodologia própria da política científica, desenvolveu nesses 30 anos o seu próprio aparato técnico-científico como dicionários, conferências internacionais e periódicos especializados.

A receptividade da bibliometria como método para medir a produtividade científica pode ser atribuída à necessidade eminente dos governos e países em orientar suas políticas científicas e tecnológicas. Nas últimas décadas a produção científica passou a ser um indicador importante de desenvolvimento de uma nação, tanto que as universidades brasileiras,

polos do desenvolvimento científico nacional, passaram a estimular os pesquisadores a produzirem e publicarem em periódicos internacionais como forma de tornar suas pesquisas internacionalmente reconhecidas e, assim, valorizar tanto a instituição a qual o pesquisador está inserido como seu país.

Se observamos uma demanda crescente para os estudos bibliométricos, também é verdade que a bibliometria, hoje, agrega aportes sócio-cognitivos e se apresenta de maneira mais contextualizada, onde a rede de associações implica aspectos até políticos na constituição do saber. Esta rede hoje é percebida de maneira mais rica do que percebíamos na década de setenta ou oitenta.

De uma simples contabilidade de documentos que chamávamos bibliometria, passamos a entender as referências bibliográficas como distribuídas em redes; se olhadas por um prisma mais humanista diríamos que as referências de um texto configuram uma *zona de desenvolvimento proximal ZDP*, no importante conceito vigotiskiano (Ryder, 2003). Em que pese o autor entender a organização das citações na web, como práticas de comunidades anônimas; ao usar um conceito tão humanista como o de ZDP o autor não dispensa a teoria da atividade para migrar para posturas menos humanistas.

De fato, no seu relato há a constatação, de que ele transformou páginas da web relacionadas aos seus textos online, em listas bibliográficas de utilidade de qualquer internauta. Processos automáticos configurando práticas de comunidades anônimas. Da mesma maneira, o documento antes visto como prova do mundo dos objetos e dos processos científicos (as evidências de Suzanne Briet¹), hoje é visto como rede de saber-poder. Algo mudou neste início de século e para melhor.

A aceitação da bibliometria como método quantitativo e qualitativo, bem como a visão das referências bibliográficas como rede de saber-poder contribuiu para que os pesquisadores associassem a bibliometria a outras abordagens para a análise da produção científica. A utilização de outros

¹ Suzanne Briet, autora do texto “O que é documentação” de 1951.

métodos à bibliometria fez surgir o termo neobibliometria. Neobibliometria é o neologismo utilizado pelo pesquisador peruano Alberto Quintana Peña (1996, 2006) em que o autor agrega outros métodos para a análise dos dados e não apenas os apresenta, em estado bruto.

No Brasil podemos citar alguns exemplos da utilização da bibliometria desenvolvida em vertentes mais epistemológicas, configurando a neobibliometria. Mostafa e Máximo (2002, 2003) analisaram as referências de trabalhos apresentados em congressos de duas associações científicas da área de Comunicação como base para o delineamento de correntes epistemológicas atuando na área. Sacardo (2012) investigou por meio da produção científica as tendências epistemológicas predominantes das pesquisas em Educação Física desenvolvidas nos Programas de Pós-Graduação em Educação e Educação Física da região centro-oeste do Brasil. A pesquisadora utilizou um instrumental de análise da produção científica (dissertações e teses) que integra dimensões lógicas e histórico-sociais denominada “matriz epistemológica” desenvolvida por Sanchez Gamboa (2000) e um protocolo bibliométrico para o levantamento e análise de teses. A associação da bibliometria e da epistemologia demonstrou ser promissora para a caracterização de uma área.

Nesses casos, é mister que o pesquisador se aproprie de bases conceituais epistemológicas mínimas, a fim de cruzar a teoria com os dados analisados. Por exemplo, abordagens humanistas na educação são maneiras mais apaziguadoras de interpretar os fenômenos educacionais do que abordagens sócio-históricas, essas tidas como mais críticas das realidades sociais; e abordagens pós-críticas na educação envolvem outras categorias não compreendidas por aquelas, como etnia, raça, religiosidade, gênero ou sexualidade, todas particularidades que, embora sejam histórico-culturais, mobilizam literatura e autores de outras formações discursivas, que não somente as determinações econômico-sociais.

Ora, cada abordagem identificada no estudo das citações bibliográficas de áreas do conhecimento irá mobilizar um conjunto de

autores específicos, visíveis num acúmulo bibliométrico, a tal ponto que elas foram consideradas *citações epistemológicas* em Mostafa (2002), na identificação de três grandes correntes como humanismo educacional, criticismo e pós-criticismo.

O conjunto de citações pode ser visto como uma rede de relações. O estudo dessas redes permite o desenvolvimento de indicadores que podem revelar padrões e características de um grupo. Segundo Alvarenga (1998, p. 2),

por privilegiar os discursos publicados, os resultados de estudos bibliométricos no que tange especialmente à quantificação da literatura publicada e ao mapeamento da rede de relações estabelecida entre autores e textos, por meio das citações, podem se constituir em insumos empíricos da maior importância para que se evidenciem ângulos peculiares do processo de produção de conhecimentos, ensejando o desenvolvimento de posteriores análises de natureza qualitativa.

O sociólogo francês Pierre Bourdieu (1983), a partir de seus conceitos de campo e capital científico relaciona as citações bibliográficas a uma forma de capital científico. Segundo Bourdieu, essa relação surge a partir do momento em que se observa que toda a produção científica delineia uma relação bibliográfica, a qual expressa sua fundamentação em conceitos, métodos e teorias potencialmente validadas no campo de estudos específico, além de contextualizar a obra dentro desse espaço.

Romancini (2010, p. 22), declara que

o entendimento da citação como indicador de impacto, influência o desempenho de um pesquisador, instituição ou país (a unidade da análise), é a principal proposta prática da junção entre os cientistas da informação, interessados na mensuração e análise das citações, e a sociologia da ciência de Merton, Solla Price e outros.

Observamos que o estudo das citações bibliográficas seja de interesse de diversos campos científicos, trata-se de um tema recorrente na literatura.

Embora haja diversos prismas de análises, o objetivo desta pesquisa é refletir sobre os agenciamentos das citações bibliográficas no contexto da Documentação. Para alcançar este propósito, faremos considerações filosóficas a respeito do conceito de neodocumentação.

Agenciamento das citações bibliográficas

Neobibliometria e neodocumentação são termos novos. A neodocumentação é o neologismo sugerido por Gonzalez de Gomez (2009) para expor os trabalhos de Frohmann. Frohman é um autor canadense, que ao lado de Buckland, Rayward e Day podem ser considerados os neodocumentalistas americanos; Do lado europeu, observa-se maior permanência na centralidade do documento em países como França ou Espanha, conforme a historiografia da área informacional apresentada por Ortega e Lara (2008) e referida por Freitas (2009).

Como aponta Freitas (2009), os movimentos de retomadas não são homogêneos em suas abordagens e propósitos, havendo mesmo cisão entre abordagens mais pragmáticas e outras mais filosóficas. As primeiras apenas sistematizam os objetos considerados como documentos, enquanto as filosóficas investigam o processo material de produção da documentação, no sentido de perguntar como tais ou quais objetos se transformaram em documentos. Pois os documentos não caem do céu prontos: eles precisam ser criados, no sentido forte de invenção.

Assim, exploraremos o conceito filosófico de documentalidade em Frohmann, tal como ele se apresenta em sua conferência na Universidade da Carolina do Norte (2009²). Trata-se do conceito filosófico de documentalidade. O autor mobiliza pensamentos de vários filósofos que o antecedem, dos quais podemos citar Suzanne Briet, Gilles Deleuze, Bruno Latour e Manoel De Landa.

Agenciado com esses intercessores, Frohmann apresenta o seu conceito de documentalidade. E vemos nele todas as características de um conceito filosófico capaz de movimentar o mundo da Ciência da

² Disponível em sua página de internet no formato áudio.

Informação. Filosofar sobre a Ciência da Informação é para nós, criar conceitos filosóficos, na nova imagem de pensamento trazida por Deleuze e Guattari, diferentemente do que atuar no plano referencial desta ciência.

Deleuze e Guattari abrem o livro *O que é filosofia?* com um primeiro capítulo intitulado *O que é um conceito?* Não é por acaso que vão tratar de conceitos no primeiro capítulo; é porque o conceito como ideia filosófica é todo o negócio da filosofia. Sempre foi, desde que a filosofia se instaura entre os gregos. Então falar de conceitos é falar de filosofia. A novidade trazida neste livro, é que, para conceituar, são necessárias várias condições diferentes daquelas já ensinadas em manuais de filosofia.

Na imagem de pensamento que estamos trazendo, a filosofia não é uma reflexão que fazemos da vida ou dos processos societários quaisquer que sejam. A maior novidade é o aspecto de antevisão que os conceitos promovem em contraposição à reflexão ou à compreensão do vivido trazidas pelas ciências referenciais como sociologia, antropologia ou psicologia

A filosofia é criação. Mas não a simples arte de inventar conceitos. Não se inventa conceitos do nada. Antes, esta invenção tem pressupostos e é esta visitação de pressupostos tipificam o conceito como ideia filosófica. Não é qualquer coisa que dizemos que são conceitos filosóficos. Todos os substantivos de uma língua, por exemplo, professor, aluno ou escola, não constituem conceitos filosóficos. Pois os conceitos filosóficos são mais revolucionários que os substantivos de uma língua com os quais nomeamos o mundo.

Não somente porque na filosofia de Deleuze e Guattari, os conceitos apontam para coisas singulares e não para o geral como supõe os substantivos de uma língua, mas, ainda e principalmente, porque não há conceitos simples, como Deleuze e Guattari (1996, p. 27) explicam já na primeira frase do capítulo: “Todo conceito tem componentes, e se define por eles”. Com esta constatação de que o conceito filosófico possui

componentes (no plural) os autores desenvolvem vários exemplos numa espécie de pedagogia do conceito.

Já que filosofar, para os autores, é um movimento perpétuo de reconceituar a existência e para isso, é necessário explicitar aos problemas que os conceitos novos estão resolvendo. O que implica relançar ou modificar conceitos antigos. Isto só é possível ascendendo ou voltando aos problemas implícitos nos conceitos filosóficos já criados em outros tempos e em outros planos. Portanto, se é verdade que a filosofia não é o mesmo que a história da filosofia, uma vez que a filosofia olha sempre para frente, comprometida que está com a antevisão de novos mundos e de novas formas de vida, também é verdade que ninguém sai filosofando sem conhecer o que os filósofos já pensaram antes de nós. Pois como nos explicam os autores, se os conceitos são criados, eles jamais são criados do nada.

Assim, Frohmann apresenta o conceito de Documentalidade ligado a quatro propriedades, a saber: funcionalidade, contingência, complexidade e agência (ou agenciamento). Os documentos funcionam e fazem acontecer coisas e processos; os documentos são produzidos em circunstâncias específicas e de forma alguma, essas circunstâncias são simples: é a complexidade das relações sociais que os fazem nascer, permanecer ou desaparecer. Por isso, a necessidade de acompanhá-los e apanhá-los em suas redes de ambulantes, se quisermos conhecê-los para além de suas formas e tipologias.

Frohmann abre a conferência retomando a materialidade da documentação, posição que lhe é peculiar, na recusa ao mentalismo informacional ao se dizer interessado nos documentos: o que são os documentos, o que fazem, como acontecem e como funcionam. Recusa a noção de documentos como meros suportes informacionais ou como veículos de comunicação. Interessa-lhe explorar a documentação e os documentos como agenciamentos heterogêneos ou ainda associações complexas, contingentes e, sobretudo heterogêneas (documentos podem ser

papéis, mas há sempre pessoas, processos e coisas em volta dos papéis) e afinal, os papéis ou as ideias referem-se às coisas do mundo.

Documentos são então potencialmente, tudo o que existe no mundo. Pois tudo suscita informação. Dissemos potencialmente porque nem tudo o que existe irá se transformar em documento. O conceito de agenciamento interessa, então, a Frohmann, por se prestar muito bem para explicar o que acontece com as coisas que se “transformam” em documentos.

Tanto para Foucault quanto para Deleuze o conceito de agenciamento importa: em Foucault, são os dispositivos que precisam ter uma existência material. Para Deleuze e Guattari, a materialidade se traduz em agenciar: a linguagem agencia fluxos e devires. A linguagem não é apanágio apenas dos seres humanos e ela percorre homens, plantas e animais. Quem se expressa na linguagem é uma máquina de expressão. A expressão é uma máquina semiótica coletiva que enuncia. Uma máquina abstrata. E o conteúdo expresso pela máquina de expressão é uma prática, um regime de corpos e opera modificações no mundo exterior, o conteúdo age no mundo, dando visibilidade ao mundo.

Os agenciamentos são conjuntos de vizinhança homem-utensílio-animal-coisa. Os agenciamentos são invenções, são culturas, são “idades” da história, são quadros, são livros, são encontros, no belo dizer de Eliana Pougy (2006). Queremos também dizer que as citações bibliográficas configuram agenciamentos, encontros. O agenciamento é uma das propriedades do conceito de documentalidade, assim como Frohmann nos apresenta. Vejamos como: a conferência de Frohmann leva-nos diretamente ao antílope de Suzanne Briet, uma das primeiras intercessoras do autor, nesta palestra chamada *A documentalidade do antílope da madame Briet*. Suzanne Briet escreve o seu famoso texto *O que é a documentação* em 1951, mas apenas na década de noventa, após quarenta anos de existência é que seu texto foi traduzido para o inglês.

Pois bem: por que então o antílope da madame Briet porta documentalidade? E o que isto quer dizer? Segundo Briet os objetos e as

coisas podem mostrar sua documentalidade na medida em que são relacionadas ou associadas a outras e por alguém ou por grupos e instituições. Ao mesmo tempo em que Briet amplia a noção de documento, ela também o contingencia em situações determinadas. Nem tudo é documento (secundário) e os documentalistas não vão catalogar ou indexar todos os objetos do mundo. É preciso fazer uma seleção. O documento então vai além de papéis, livros ou revistas, podendo ser objetos em circunstâncias determinadas, mas o mais importante é que serve de evidência aos fatos científicos.

Frohmann (2009) toma de Briet o antílope, as fotos e tudo o mais o que se disse sobre ele, para entender como o antílope se transformou em documento. Frohmann segue os passos de madame Briet e os passos do antílope, entendendo que assim irá motivar a associação entre documentalidade e agenciamento.

Tomando de Latour (2008 apud Frohmann, 2009)) a não separação entre qualidades primárias e secundárias das coisas, Frohmann entende a documentalidade como uma propriedade das coisas, de tal maneira não ser possível separar o antílope, em sua forma material, de suas qualidades supostamente secundárias, como cor, cheiro ou textura. Para a sua análise, objetos portam documentalidade, na medida em que suscitam informação. Mas esta informação não está dada; ela será criada no interior de um agenciamento maquínico compreendendo elementos heterogêneos de humanos e não humanos, configurando uma rede de associações. A diferença desta compreensão para a compreensão original de Susanne Briet, é que aqui, o agenciamento é analisado como uma rede saber-poder. Enquanto lá, tratava-se de variação na tipologia documentária (filmes, vídeos, palestras sobre o antílope) para fins de evidência científica.

Ao problematizar a divisão do empirismo setecentista entre qualidades primárias e secundárias das coisas e objetos, o autor problematiza também as noções de documentos primários como sendo os artigos científicos das revistas acadêmicas. Problematiza também a noção de documentos

secundários, como índices, catálogos ou base de dados para ampliar o escopo do trabalho documentário, dotando-o de densidade política e ética. Pois como teorizamos em outra oportunidade, os catálogos são dispositivos de interpelação (Mostafa; Máximo, 2003), para o bem ou para o mal.

Frohmann quer explicar como, a partir do antílope da madame Briet, há um mundo grávido de virtualidades documentárias. A documentalidade como conceito filosófico expressa esse mundo de virtualidades documentárias. Pois todo objeto é virtualmente um documento. Mas sua atualização depende de coordenadas espaço-temporais, as mais diversas. Documentalidade como um conceito filosófico se encarna nas coisas, mas não se confunde com elas. O conceito é um incorporeal, dizem Deleuze e Guattari: embora se encarne ou se efetue nos corpos, não se confunde com o estado de coisas no qual se efetua.

Os conceitos filosóficos não têm coordenadas espaço-temporais, mas apenas ordenadas intensivas. Frohmann entende que, ao criarmos documentos e nos reunirmos em torno deles, para analisá-los, disputá-los, refutá-los ou tê-los como aliados, temos que também criar os conceitos para articular essas relações. Assim, o autor oferece o conceito filosófico de *documentalidade* para resolver problemas no campo da documentação. O curioso é que Bernd Frohmann (2008) é um autor reconhecido na defesa da materialidade da informação. Os exemplos de que lança mão para combater o mentalismo informacional são sempre advindos de processos sociais irrefutáveis, como alguns frenesis documentários percebidos em épocas de crise, como o controle dos dissidentes políticos na Alemanha pré-nazista ou o processo documentário usado no apartheid sul-africano.

Todos exemplos do papel da documentação na estabilidade da informação; o autor volta-se também, em oportunidades anteriores, para o papel de ciência, especificamente (Frohmann, 1998). Ultimamente tem apontado também os efeitos sociais dos enunciados eletrônicos configurando um novo tipo de documentação, no mercado de ações, todos

tipos de agenciamentos maquínicos, os quais não envolvem a consciência humana. Por isso a noção de agenciamento interessa tanto a este autor.

Nesta conferência sobre a documentalidade, o percurso experimentado pelo autor parece ser o inverso dos apontados nos exemplos acima. Ele foi do atual (o antílope na savana) ao virtual, àquilo que, estaria atuando como uma força, um *virtus*, isto é, a documentalidade do antílope. O conceito filosófico é sempre um virtual, um acontecimento. O virtual é a insistência do que não é dado. Mas isto não significa obscurantismo, transcendência ou ainda existência psicológica. É que o dado puro, está intimamente conectado com o virtual.

Entre a ciência e a filosofia há uma diferença básica de concepção: a ciência volta-se para o empírico, também chamado estado de coisas enquanto que a filosofia basta-se com o imaterial, o incorporal, aquilo que não se efetua num estado de coisas e que não se confunde com as coisas.

O acontecimento está na ordem de um tempo que não se espacializa, um tempo intensivo, um entretempo, pois o acontecimento não é o que acontece, mas é o efeito do que acontece, vapor que sai do estado das coisas. Dizem Deleuze e Guattari que o entre-tempo é um tempo morto, aí onde não se passa nada, uma expectativa, uma espécie de reserva. Este tempo morto não vem depois do que acontece, ele coexiste com o instante ou o tempo do acidente, num tempo vazio, ainda por vir e já chegado.

A ciência e a Ciência da Informação como tal atualizam o virtual de suas infinitas possibilidades num corpo, num tempo e num espaço singulares. A filosofia segue o caminho contrário da ciência: a filosofia vai do estado das coisas ao virtual. Enquanto a ciência parte do virtual e se plasma referencialmente no espaço e no tempo. A conferência sobre a documentalidade do antílope da madame Briet ganha assim ares filosóficos na mais pura tradição deleuze-guattariana, aproximando o autor de nossas próprias posições.

Mais do que tipificar o documento científico em sua função de evidência factual, as citações bibliográficas são elementos constitutivos dos

documentos científicos e por isso, portam uma documentalidade nos mesmos termos propostos por Frohmann. Conforme salienta Coracini (1991, p. 148): “[...] um texto qualquer resulta do entrecruzamento de uma série de outros textos, de outros autores, outros indivíduos, diferentes grupos ideológicos, enfim de diferentes discursos”.

Sendo assim, as citações bibliográficas de um documento são dispositivos que, de um lado ajudam a estabilizar a informação científica (para o bem ou para o mal) e de outro, vistas no contexto da neodocumentação aqui apresentada, possibilita pensar a produção de conhecimento adensada também com uma ética e uma política. Acompanhar o documento através dos passos de suas citações bibliográficas é traçar um mapa espaço-temporal das ideias por ele percorridas. Mas pensá-lo filosoficamente, nos termos aqui propostos, é talvez subir à montante do documento, inserindo-o em virtualidades documentárias, para ser possível sempre novas atualizações entre o documento, a informação e o mundo.

Quisemos trazer a neobibliometria para o campo da nova documentação, para, na esteira de Frohmann, extrair virtualidades de mais campos atualizados da Ciência da Informação. Da mesma maneira que pudemos criar conceitos novos a partir das linguagens documentárias, no conceito filosófico de linguagem documentária menor ou informação afeto (Mostafa; Nova Cruz, 2011a, 2011b)

No conceito filosófico de documentalidade apresentado temos mais um exemplo de interrelação entre ciência e filosofia, tal como proposto pela filosofia deleuze-guattariana. A filosofia movimenta-se em direção à consistência dos acontecimentos, enquanto a ciência anda na direção dos acontecimentos vistos como referências do estado das coisas. Os acontecimentos atualizados pelos conceitos filosóficos são como o sorriso sem gato de Alice no país das maravilhas; quando referenciados por funções científicas, os acontecimentos explicitariam os gatos como estado de coisas. Documentalidade e documentação são multiplicidades de naturezas muito diferentes, mas tanto as funções da ciência quanto os conceitos da filosofia

bifurcam-se e não param de bifurcar, produzindo relações e conexões com outras variáveis e com outras referências em seu devir.

Ambas as formas de pensamento, ciência e filosofia, resolvem problemas do vivido, mas são diferentes, tanto a colocação dos problemas quanto as soluções encaminhadas por essas formas de pensamento. A despeito disso, o cruzamento dos planos produzem ressonâncias entre ambas as formas de pensamento, movimentando ambas em novas conexões e associações. Assim, Frohmann adverte que não é possível prever o devir do conceito documentalidade, pois será o uso dele para resolver problemas do vivido que dará a dimensão da sua funcionalidade. Mas a julgar pelo seu conceito regime de informação, a documentalidade tem tudo para devir-outro neste mesmo plano da filosofia ou nos planos da própria Ciência da Informação, dando muitos frutos. Quando Deleuze e Guattari dizem que o conceito filosófico possui uma história, resolve problemas, se conecta com outros conceitos no mesmo plano e aponta ou ressoa (devém), possui um devir no plano referencial da ciência ou no plano de composição da arte, eles estão dando conta do deslizamento de planos entre as três grandes formas de pensamento: filosofia, ciência e arte.

Considerações finais

As citações bibliográficas de um texto ou de uma área de conhecimento portam documentalidade, no conjunto e em cada uma isoladamente. Pois as relações entre os textos mudam a cada agenciamento, em que pese o estilo e a escola epistemológica a que o texto se filia. Entendemos que os traços epistemológicos de cada filiação teórica em um texto são mais ou menos claros. Mas, dependendo do agenciamento, os traços se modificam da mesma maneira que as 90 espécies de antílopes mencionados por Frohmann.

Da mesma maneira que cada animal demonstra variações de acordo com as adaptações à sobrevivência, variações de comportamento no acasalamento, nos graus de agressividade, no tamanho dos corpos, assim também os documentos representados pelas citações bibliográficas

apresentam variações de sentido em cada conjunto que ajuda a significar. Não estamos falando apenas do conhecido fenômeno de citar para agregar valor ao texto ou para se afastar dele, negando-o. Citar para concordar ou para discordar.

Há incontáveis estados para os documentos se relacionarem entre si. É na cadeia completa dos estados provocados por uma citação que estamos vendo a documentalidade das citações bibliográficas. Pois como dizem Deleuze e Guattari, o livro (diremos a citação bibliográfica) é feito de matérias, datas e velocidades muito diferentes, existe apenas pelo fora e no fora, mas quando se atribui sujeitos e autores a um livro, negligencia-se este trabalho das matérias e a exterioridade de suas correlações. Continuam os filósofos dizendo que se podemos identificar em um livro uma multiplicidade de forças, não se sabe ainda o que o múltiplo implica.

Referências

- ALVARENGA, L. Bibliometria e arqueologia do saber de Michel Foucault: traços de identidade teórico-metodológica. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 27, n. 3, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v27n3/27n3a02.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2011.
- BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, R. (Org.). *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-55.
- CORACINI, M. J. *Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*. São Paulo: EDUC; Campinas: Pontes, 1991. 216p.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é filosofia?* São Paulo: Editora 34, 1996.
- FREITAS, L. S. O inter-dito fundador do campo informacional: efeito-documento e efeito-informação na construção discursiva do fato (e do sujeito). In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2009, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa, 2009. p. 184-202.
- FROHMANN, B. *The role of the scientific paper in science information systems*. Presented at The Conference on the History and Heritage of Science Information Systems. Pittsburgh, Pennsylvania, 23-25 October 1998. Disponível em: <http://www.fims.uwo.ca/people/faculty/frohmann/Publications.htm>. Acesso em: 08 mar. 2004.

FROHMANN, B. O caráter social, material e público da informação. In: FUJITA, M. S. L.; MARTELETO, R.; LARA, M. L. G. (Org.). *A dimensão epistemológica da Ciência da Informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: FUNDEPE, 2008. p. 1-34.

FROHMANN, B. *The documentality of mme briet's antelope*. Presented on 25 September at Materializing Communication and Rhetoric: Technologies, Infrastructures. Universidade da Carolina do Norte, 2009. Disponível em: <<http://chass.online.ncsu.edu/online/Viewer/?peid=e57becbf429e4802a6dfac4c90bf59dc>>. Acesso em: 10 jun. 2011.

GONZALEZ DE GOMEZ, M. N. A reinvenção contemporânea da informação: entre o material e o imaterial. *Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, Brasília, v. 2, n.1, p.115-134, jan./dez. 2009.

MOSTAFA, S. P. Citações epistemológicas na educomunicação. *Comunicação & Educação*, São Paulo, v. 8, n. 24, p. 15-28, 2002.

MOSTAFA, S. P.; MÁXIMO, L. F. *As três formas de analisar o campo da comunicação e educação*. [S. l.]: ANPED–SUL, 2002. (Eixo temático Comunicação e Educação).

MOSTAFA, S. P.; MÁXIMO, L. F. A produção científica da ANPED e da INTERCOM no GT da Educação e Comunicação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 32, n. 1, p. 96-101, jan./abr. 2003.

MOSTAFA, S. P.; NOVA CRUZ, D. V. *Para ler a filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari*. Campinas: Alíena, 2011a.

MOSTAFA, S. P.; NOVA CRUZ, D. V. (Org.). *Deleuze vai ao cinema*. Campinas: Alíena, 2011b.

ORTEGA, C. D.; LARA, M. L. G. de Documento e informação, conceitos necessariamente relacionados no âmbito da Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo, 2008.

POUGY, E. *O discurso, o saber, o poder e a linguagem na óptica da Filosofia da Diferença*. 2006. Disponível em: <<http://www.cronopios.com.br/site/ensaios.asp?id=1015>>. Acesso em: 01 jun. 2011.

QUINTANA PEÑA, A. El análisis neobibliométrico: un aporte al desarrollo de una epistemología empírica. *Facetas*, Lima, v. 1, n. 2, 1996.

QUINTANA PEÑA, A. Análisis neo-bibliométrico de las Investigaciones de tesis en la Escuela Académico-Profesional de Psicología UNMSM. *Revista de Investigación en Psicología*, v. 9, n. 1, p. 81-99, 2006.

ROMANCINI, R. O que é uma citação?: a análise de citações na ciência. *Intexto*, Porto Alegre, v. 2, n. 23, p. 20-35, jul./dez. 2010.

RYDER, M. Comunidades anônimas de práticas acadêmicas na internet. *Contrapontos*, Itajaí, v. 3, n. 2, p. 223-231, mai./ago. 2003.

SACARDO, M. S. *Estudo bibliométrico e epistemológico da produção científica em educação física na região Centro-Oeste do Brasil*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

SANCHEZ GAMBOA, S. A. Tendencias epistemológicas: dos tecnicismos e outros “ismos” aos paradigmas científicos. In: SANTOS FILHO, J. C.; SANCHEZ GAMBOA, S. A. (orgs.). *Pesquisa educacional: quantidade-qualidade*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 60-83.

SILVA, M. R.; HAYASHI, M.C.P.I. *Neobibliometria no contexto do neodocumentalismo*. In: CRIPPA, G.; MOSTAFA, S. P. *Ciência da informação e documentação*. Campinas: Alínea, 2011. cap. 5, p. 71-84.